

poéticas políticas

Gesteira Velho

Parte I: Violação do Mundo

Gesteira Velho – Part I: World Violation

Guilherme Cavicchioli Uchimura¹

¹Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: gcuchimura@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2457-6349>.

Como citar este trabalho

UCHIMURA, Guilherme Cavicchioli. Gesteira Velho. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, v. 8, n. 2, jul./dez. 2022, Brasília, p. 467-472.

insurgência

InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais | v. 8 | n. 2 | jul./dez. 2022 | Brasília | PPGDH/UnB | IPDMS
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.
Este trabajo es licenciado bajo una Licencia Creative Commons 4.0.
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.





Gesteira Velho

Parte I: Violação do Mundo

Monstruosidades que descem dos montes,
como se misturassem ao arrepio
das jusantes gentes, à pele gasta,

e como a chuva, ao poente, molhasse
tijolos de uma torre despencada,
e como a igreja silenciasse e, apenas

nas memórias pensas, rouqueasse o sino,
como do mundo não mais se soubesse
nenhuma forma certa ou acertada,

ruínas prenes da máquina do mundo,
vendo o ventre vago de um rio ruidoso,
entreabriram-na à margem — correnteza.

Abriu-se enlameada e cheia de sangue;
pedras brutas em pó pulverizadas,
barramentos de lama impura e amarga,

milhões de toneladas da matéria
presa, apodrecida e estratificada;
britadeiras, tinidos e rotores,

os rancores despertos dos minérios,
metálicos sons da transformação
bruta da natureza devorada.

Abriu-se escorrendo de cada poro
os resíduos da indústria minerária;
foram-se os tachos de dona Geralda

e as panelas e as florestas e as rezas
e ossos e paredes e caminhos
e músculos e telhados e galhos;

foram-se as festas do Gesteira Velho
e o umbigo ao pé da roseira branca,
diluindo-se pelo charco espalhado.

Os mais soberbos riscos calculados,
a abjeta matemática, a violência
extrativista, a engenharia fáustica,

a força que se prolonga e devora
seiscentos quilômetros de extensão,
violando a existência de tudo o que

nasce, vive e na terra se define;
o que nos gabinetes se elabora,
o exercício colonial do poder,

a violência racista e patriarcal,
a guerra judicial contra Gesteira,
tudo se engolfou em uma pelota

do minério-ferro transnacional,
e a máquina que maquina e devora,
a preço forçado, a vida expropriada,

se recompôs — sem a si se ofertar.
Ninguém havia ao alto da montanha,
e a própria montanha não havia mais.

* Releitura de “Máquina do Mundo”, de Carlos Drummond de Andrade.

Sobre o autor

Guilherme Cavicchioli Uchimura

Doutorando em Políticas Públicas pelo PPPP/UFPR - Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Paraná, com bolsa pela CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Mestre em Políticas Públicas pelo mesmo programa (2017-2018). Graduado em Direito pela Universidade Estadual de Londrina (2010-2014). Associado ao IPDMS - Instituto de Pesquisa, Direitos e Movimentos Sociais. Membro da equipe editorial do periódico InSURgência: Revista de Direitos e Movimentos Sociais.

A imagem que ilustra este poema é uma fotografia que retrata Gesteira, distrito de Barra Longa/MG atingido pelo rompimento da Barragem de Rejeitos de Fundão, das mineradoras Samarco, Vale e BHP Biliiton, em 5 de novembro de 2015. A fotografia, de julho de 2016, é de autoria de Felipe Werneck (Ibama), licenciada sob atribuição Creative Commons 2.0. Com outras imagens, compõe a série que está disponível em <https://www.flickr.com/photos/ibamagov/29411494350>.